



A contribuição feminina

Boletim

SUMÁRIO NAVEGÁVEL (CLIQUE NO TÍTULO E VÁ DIRETO PARA A PÁGINA)

Editorial

Práticas educacionais e protagonismo feminino 01

Mão na Massa

Trabalhando com visitas a Abrigos para crianças e adolescentes 02

Questões Sociais

Menos regras, mais inspiração 09

Cinepedagógico

A contribuição feminina 14

Práticas educacionais e o protagonismo feminino

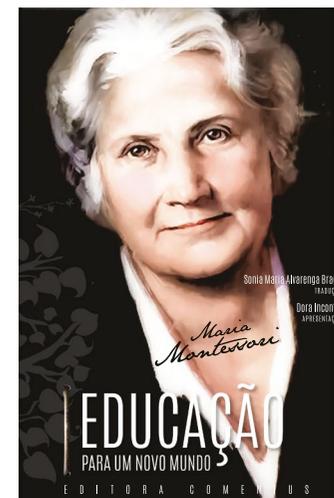
Boletim da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita – Agosto / Setembro de 2015



Queridos associados,

Nós, a equipe gestora da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita, estamos lançando um boletim bimestral com conteúdo exclusivo para vocês, membros da nossa rede. No Boletim desse mês, inauguramos uma seção intitulada “Mão na massa”, com o objetivo de trazer reflexões sobre nossas práticas de educação, seja ela familiar, escolar ou religiosa. Nessa edição trazemos comentários sobre práticas educacionais de instituições espíritas que envolvem trabalho voluntário em abrigos para crianças separadas das famílias de origem. E, se você tem alguma vivência em educação, que gostaria de ver refletida nesse espaço, entre em contato com a gente! Em seguida,

aproveitando o lançamento pela editora Comenius da obra *Educação para o novo mundo*, de Maria Montessori, e do livro infantil *Maria Montessori e o laço de fita vermelho*, parte da coleção *Grandes Pessoas*, apresentamos a vida de 3 grandes mulheres ligadas à promoção da educação e da saúde: A própria Maria Montessori, Cicely Saunders e Nise da Silveira. Como o exemplo delas desafia o Cristianismo conservador e, ao mesmo tempo, o feminismo relativista dos nossos tempos? É o que queremos discutir.



MÃO NA MASSA | Uma seção de reflexão sobre nossas práticas pedagógicas em diversos cenários educativos

Trabalhando com visitas a Abrigos para crianças e adolescentes

Litza Amorim

Quando pensamos em educação e valores, educação e cidadania, educação moral, ou em outras diversas formas de nomear a interrelação entre educação e ética, é muito comum que as escolas e instituições religiosas afirmem que trabalham valores e solidariedade através de visitas a abrigos, asilos e instituições de reclusão (menos frequente nesse último caso).

Minha experiência com esse tipo de visita tem se revelado um caso exemplar, não por ser excelente, longe disso, por exemplificar o que acontece em diversos casos desse tipo. Eu fazia parte de dois grupos de estudo de espiritismo para jovens quando começamos a fazer visitas para crianças e adolescentes vivendo em um abrigo de nosso bairro, enquanto o Poder Judiciário decidia se eles podiam voltar a conviver com alguém da família de que tinham sido afastados, ou se deveriam ser adotados por outra.

A primeira experiência que tive deu-se durante um ano em que fui aluna de um desses cursos de espiritismo para época, fazíamos visitas uma vez por mês, geralmente sem nenhuma proposta de brincadeira ou atividade educativa com as crianças. Em pouco tempo, comecei a sentir que o ambiente ficava um tanto caótico com nossas visitas. A impressão era que acelerávamos bastante as crianças com diversas brincadeiras, e depois de um tempo aquela agitação toda culminava em brigas e em alguns pequenos isolados das atividades principais. Já os jovens alunos que visitavam o abrigo... Alguns pegavam as crianças no colo, jogavam bola, etc, mas outros ficavam à margem, sem conseguir extravasar uma ideia criativa ou uma tentativa de interação com os meninos e meninas.



Ao voltarmos para nossas casas espíritas, sobrava em mim uma sensação de insatisfação, de incompletude com o que tínhamos feito. Especialmente porque era mais fácil interagirmos com as crianças pequenas, mais ingênuas e dóceis, do que com garotas entrando na adolescência, que já revelavam muito menor disposição para estar conosco; e o problema é que justamente a adolescência é um período mais delicado da vida de uma pessoa, e seria muito importante, por isso, conseguir estabelecer um diálogo com as jovens. Tentando nos aproximar dessas últimas, em uma visita, convidamos-las, assim, de improviso, para pintar as unhas. Após presenciar essa cena, um amigo comentou:



- Não me senti bem ao estar naquela visita. É como se estivéssemos “brincando de casinha”, passando um tempo de ilusão sem ajudá-las a enfrentar melhor a realidade que vivem.

Aquelas palavras me calaram fundo. Porque expressavam a realidade, ou, ao menos, uma parte dela.

No ano seguinte, tive a oportunidade de dirigir os dois grupos de estudo dos quais participava. Decidida a fazer algo de melhor pelas crianças e adolescentes do abrigo, também buscava que os grupos de jovens se envolvessem nesse trabalho. O problema era que tínhamos poucos voluntários, então preparar atividades de estudo para os grupos nas casas espíritas junto com atividades e propostas para o abrigo não estava nada fácil. Isso acontece nas escolas também. Geralmente os professores, ocupados com as matérias que precisam dar, organizam uma simples visita a um asilo ou abrigo, com lanchinho, um violão e uma conversa com os idosos. E as visitas ocorrem... Duas vezes por ano. Como criar um vínculo de amizade com uma frequência de visitas tão baixa?

No caso de uma das casas espíritas, tínhamos autonomia para usar o tempo de estudo com os jovens como quiséssemos, então apresentei a eles informações de uma pesquisa do IPEA sobre a questão das crianças e jovens vivendo em abrigos no Brasil e montamos uma peça de teatro sobre a história de Jesus para apresentar para as crianças menores. No dia da visita ao abrigo, após as apresentações de teatro, convidamos as crianças para participar da peça como personagens (algumas delas gostaram bastante de se envolver na história). No fim da visita, cada participante fez um cartão de presente dedicado a uma criança específica do Abrigo.

**NÃO ME SENTI BEM AO
ESTAR NAQUELA VISITA. É
COMO SE ESTIVÉSSEMOS
“BRINCANDO DE CASINHA”,
PASSANDO UM TEMPO DE
ILUSÃO SEM AJUDÁ-LAS
A ENFRENTAR MELHOR A
REALIDADE QUE VIVEM.**



Crianças do Abrigo Sait German - arquivo aberto ao público da instituição.

Em outra visita, fizemos um caça-tesouro (que as crianças finalizaram em menos de 10 minutos!). E, no final das contas, fizemos... Duas visitas no ano.

Em uma reunião com a diretora e o psicólogo do abrigo, na época contratado há pouco tempo, este sublinhou que as meninas adolescentes já não tinham mais vontade de participar do encontro conosco; e que uma delas ficou tremendamente envergonhada ao perceber que um dos visitantes do abrigo era um menino de sua sala de aula! A garota não queria que seu colega soubesse onde ela vivia, e simplesmente isolou-se em seu quarto durante toda a tarde que passamos lá.

Essa experiência me levou a refletir sobre diversas questões: A primeira delas era quão precário era nosso trabalho. Os pais de alunos e dirigentes de casas espíritas ficavam muito felizes ao saber que fazíamos tais visitas, mas talvez eles não conseguissem vislumbrar que pouco estávamos agregando, de fato, para aquelas crianças e jovens: O abrigo continuava com sérios problemas financeiros; as crianças continuavam indo mal na escola, com poucas oportunidades de lazer e trocas afetivas; as trabalhadoras do local estavam sem registro em carteira, pois o abrigo não tinha condições de bancar isso, e, conseqüentemente, insatisfeitas, irritadas, contrariadas quando pegávamos os bebês no colo, já que eles iriam pedir mais colo quando fôssemos embora; e as crianças, conforme cresciam, ficavam cada vez mais desanimadas de interagir com visitantes com os quais não tinham nenhum vínculo mais duradouro.

Alguém poderia dizer: “Mas vocês fizeram a parte de vocês; uma tarde de brincadeiras já é uma caridade”; Mas não seria pouco caridoso dar alguma coisa e não nos importarmos com os problemas reais que as pessoas enfrentam? Com esse raciocínio não acabaríamos caindo num fatalismo individualista de entender que “cada um deve enfrentar seus problemas, seus karmas”, e nós só podemos dar “uma palavra de conforto”, um ombro amigo, uma doação de 1 litro de leite? Devem a diretoria do abrigo e os voluntários desgastar-se todo mês com campanhas e pedidos de alimentos e materiais de limpeza urgentes para a manutenção da instituição?



Crianças do Abrigo Sait German - arquivo aberto ao público da instituição.

Percebi claramente que era difícil, mas inevitavelmente necessário, compreender a verdadeira caridade como muito mais do que ajudarmos com aquilo que nos sobra de nossa vida corrida - um pouco de tempo de um sábado, um pouco de dinheiro para um lanche da tarde, um pouco de afeto doado em orações e abraços - vivida em busca de sobrevivência e compensações. Meu desejo, como trabalhadora espírita, hoje, é agir através de modelos mais consistentes de atuação - seja junto ao Poder Público, ou através de um trabalho voluntário melhor estruturado – que tragam soluções mais efetivas para os problemas de falta de dinheiro, de segurança afetiva, de uma escolarização precária e frustrante (para todos, e, especialmente, para os próprios alunos), que atingem as crianças vivendo em abrigos.

Mesmo colocando à parte os problemas materiais e financeiros, do ponto de vista pedagógico, visando a uma educação que auxilie na construção da moralidade, da afetividade e da inteligência dos educandos, a atuação em um abrigo precisaria ser muito melhor do que a que oferecemos. O próprio psicólogo da instituição nos pediu para que alguém pudesse vir semanalmente visitar a casa,

criar um vínculo com as crianças. Alguém que tivesse disponibilidade de contar histórias, ouvir insatisfações, acolher, mediar conflitos, cuidar psicologicamente das crianças, e, assim, ensiná-las a cuidar de si mesmas e de seus pares.

Pelo contrário, o que ocorre na maioria das vezes é o ciclo vicioso da pobreza: O abrigo não tem apoio institucional porque os funcionários não são registrados; sem apoio financeiro, não registra os funcionários; sem registro em carteira, os colaboradores são poucos, não tem disponibilidade de tempo e de afeto suficiente para as crianças, que ficam solitárias, raivosas, frustradas, vão mal na escola...E perpetuam o ciclo.



Uma visita ao abrigo. À direita, o menino brincando de ser anjo.

Quando, em uma das visitas, contamos a história romanceada de Jesus, por exemplo, um dos garotinhos do abrigo pegou as asas de anjo e assumiu esse papel; nós sugerimos que ele fosse abençoar as pessoas e cuidar delas em sua encenação. O anjo é a representação da Proteção, e não seria importante para a criança saber que pode contar com alguém que a ampare, em um momento em que ninguém mais faça isso? Mas como ensiná-la sobre o amor e a proteção de Deus, de Oxalá ou dos anjos da guarda, se o menino não vivencia fortemente, ou ao menos suficientemente, a realidade do amor e da proteção dos adultos?

A insatisfação com os problemas era dupla: Por um lado, a expectativa de alunos e dirigentes de que fizéssemos as visitas ao abrigo. Por outro lado, a consciência de que nossas visitas desestruturas, pouco frequentes, pouco integrativas, junto com todos os outros problemas dos abrigos, eram uma negação dos direitos daquelas crianças. Mas qual seria o sentido da ansiedade em “fazer caridade”, mesmo que ela não seja tão efetiva para quem a recebe? O sentido de “armarmos uns aos outros” seria uma simples contabilização de atos generosos que nos dariam “pontos” ou “bônus-hora” perante as Leis Divinas?

O sentido da caridade não seria entendermos os problemas dos outros como nossos também, e buscarmos resolvê-los efetivamente, colaborando com nosso amor e nossa inteligência? A verdadeira caridade seria oferecer algo que nos sobra, ou tudo o que temos, nossos ideais, nossa vida, nossa luta? Não é “fazer aos outros o que gostaríeis que vos fizessem”, criar meios para que o outro receba tudo o que gostaríamos de receber em termos de educação, amor e segurança? No livrinho mediúnico “O Educador”, Comenius relembra que *“deve-se afastar o conceito paternalista da caridade”*, e *“ter disponibilidade incansável e permanente para acolher o educando (...)”*. *Estar ao lado de, pôr-se a caminho com, fazer-se e sentir-se sinceramente igual ao outro*. E Pestalozzi finaliza em *Meditações*: *“O espírito generoso não restringe seus ideais aos limites comuns do bom senso terreno”*.

Mas alguém pode perguntar “Como simples voluntários, com seus trabalhos e problemas, podem oferecer soluções para problemas tão complexos”? Hoje penso que os voluntários precisam atuar como coadjuvantes de um trabalho profissional e consistente. E precisamos de educadores voluntários mais maduros, que empreendam o trabalho principal, para que os jovens alunos - de escolas ou de instituições religiosas - possam ter modelos de inspiração sobre como interagir com crianças e adolescentes em situação de abrigo. Os jovens estudantes precisam de ajuda para desenvolver sua criatividade, a simpatia, a empatia e o olhar educativo, que são características que um voluntário precisa utilizar na visita a um abrigo, e, além disso, são habilidades que facilitam a qualquer pessoa construir amizades, em qualquer lugar ou situação.

Buscando unir o espírito científico e rigoroso do profissionalismo, e os sentimentos morais que caracterizam todo trabalho engajado no bem, a Associação Brasileira de Pedagogia Espírita busca alavancar uma proposta pedagógica universal, que influencie, impregne e aprimore práticas profissionais em escolas, abrigos, hospitais, grupos terapêuticos, empresas e cooperativas. Porque para fazer um trabalho de qualidade em termos de educação para a evolução, é necessário fazer um trabalho profundo, extenso e intenso. Ao contrário do que dizem por aí, na Educação, seja onde for, não se obtém qualidade sem quantidade: quantidade de tempo dedicado à formação do educador, quantidade de tempo envolvido com o educando, quantidade de variáveis de um problema sobre as quais se atua.

HOJE PENSO QUE
OS VOLUNTÁRIOS
PRECISAM ATUAR COMO
COADJUVANTES DE UM
TRABALHO PROFISSIONAL
E CONSISTENTE.

A ABPE procura endossar a perspectiva de espíritos – encarnados e desencarnados – que conseguem vislumbrar, como afirma Pestalozzi, que *“Não se dá que a mudança isolada de cada um produzirá uma sociedade mais fraternalmente articulada. É preciso uma ação coletiva, na interação de pessoas e instituições, para as melhorias estruturais da sociedade, para que as relações se renovem”*. O educador também profetiza que *“logo florescerão na sociedade terrena, as famílias e as escolas, as cooperativas e as instituições, que se modelarão pela ética da bondade e da paz, do desinteresse e da busca da verdade”*.

Há algum tempo, voltei a uma reunião no abrigo citado e vimos uma proposta de pintura em tecido sendo feita semanalmente por uma voluntária com as meninas. Pensamos que poderíamos apoiar com recursos materiais o projeto, mas... Teremos que fazer eventos, coletas, pedidos sem fim, para obter cinquenta, cem reais por mês para comprar tintas, tecidos e pincéis? E se o abrigo precisar de mistura para o almoço, no lugar das tintas? Além das meninas, os meninos não gostariam também de pintar no tecido? E qual seria a eficácia da pintura de panos de prato para a emancipação econômica dos adolescentes? E assim, compreendendo que precisamos de soluções complexas para problemas complexos, vamos planejando os caminhos que precisamos seguir para progredir, valorizando sempre a *prática reflexiva*, encarando as contradições que vivemos e as superações buscamos ao colocar a **mão na massa**.

Litza Amorim



Graduada em Gestões de Políticas Públicas pela USP, aluna da pós de Pedagogia Espírita, na Universidade Livre Pampédia, colaboradora da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita (ABPE).

QUESTÕES SOCIAIS | Uma seção para a reflexão sobre temas atuais.

Menos regras, mais inspiração

Ao escrever sobre Sócrates, o pesquisador inglês Francis Cornford ressalta que a filosofia ética do pensador grego minou a moralidade da repressão social, de obediência à autoridade e conformidade aos costumes, e propôs, alternativamente, uma moral que pode ser chamada de “*moralidade de inspiração para a perfeição espiritual*”. A diferença entre esses dois tipos de moralidade pode ser entendida em analogia com a diferença entre as leis proclamadas no Monte Sinai e o sermão da montanha, sendo a moral de inspiração mais criativa, flexível, radicada na essência do próprio sujeito. Maria Montessori, Cicely Saunders e Nise da Silveira, mulheres que destacamos no boletim da ABPE nesse mês de agosto, romperam, em um sentido ou em outro, com a moralidade de regras, e mostram o quanto a sua moralidade “inspirada” rendeu frutos notáveis.

Embora a entrada feminina nas áreas profissional e pública tenha sido uma longa e irregular construção histórica, influenciada por diversos fatores - desde a influência cristã que facilitou a ascensão das mulheres ao poder e à profissão no início da Idade Média (assim enfatiza a historiadora do período Régine Pernoud), até falta de mão-de-obra durante as guerras mundiais - no campo das discussões teóricas, intelectuais ainda disputam a figura feminina e o sentido de sua atuação na sociedade. Estamos falando da



Maria Montessori



Cicely Saunders

disputa entre a visão tradicional do papel feminino como o papel de mãe, e a perspectiva, de inspiração ora marxista ora existencialista, mas, em geral, de esquerda, da mulher como um ser humano que se diferencia do homem simplesmente por uma construção cultural usada como instrumento de dominação. Enquanto cristãos conservadores consideram que a vocação principal da mulher leiga é santificar-se como esposa e mãe, e subordinam a essa condição a atuação da mulher em outros campos, teóricas feministas do século XX, como Simone de Beauvoir e Shulamith Firestone, consideram que expressões tradicionais da feminilidade, como o casamento, a família, a maternidade, os cuidados com a infância e a velhice, entre outros, são imposições culturais que devem ser expurgadas da identidade feminina.

Firestone, por exemplo, advogava a primazia da reprodução artificial como um meio de liberar as mulheres da gravidez, a legalização do aborto em qualquer circunstância, o controle estatal da reprodução humana e dos cuidados à criança, para evitar a reprodução de papéis sociais tradicionais. Beauvoir também considerava que as mulheres não deveriam ter a opção de permanecer como donas de casa com seus filhos, para desconstruir a hegemonia dessa divisão de papéis. Vendo na chamada família patriarcal o lugar onde as pessoas aprendem a obedecer autoridades e a distinguir-se em diferentes classes – em prejuízo da sociedade igualitária almejada - tais teóricas enxergavam no fim da instituição familiar a dissolução de qualquer distinção entre os gêneros masculino e feminino, e até mesmo entre crianças e adultos, como enfatiza Firestone.

O que vemos é que, assim como alguns religiosos extremistas, as feministas que citamos forçam um entendimento de que não é possível para a mulher ser mãe e ser membro de uma família, e ao mesmo tempo ter o mesmo espaço político e/ou profissional que os homens. Além disso, ao priorizar um controle estatal mais forte sobre a infância e desqualificar radicalmente as famílias, o resultado que

podemos obter é um enfraquecimento dos indivíduos e do senso de comunidade como uma entidade contraposta ao Estado. Embora a entrada feminina nas áreas profissional e pública tenha sido uma longa construção histórica, influenciada por diversos fatores - desde a influência cristã que facilitou a ascensão das mulheres ao poder e à profissão no início da Idade Média (assim enfatiza a historiadora do período Reginé Pernoud), até falta de mão-de-obra durante as guerras mundiais - no campo das discussões teóricas, intelectuais ainda disputam a figura feminina e o sentido de sua atuação na sociedade. Estamos falando da disputa entre a visão tradicional do papel feminino como o papel de mãe, e a perspectiva, de inspiração ora marxista ora existencialista, mas, em geral, de esquerda, da mulher como um ser humano que se diferencia do homem simplesmente por uma construção cultural usada como instrumento de dominação. Enquanto cristãos conservadores consideram que a vocação principal da mulher leiga é santificar-se como esposa e mãe, teóricas feministas do século XX, como Simone de Beauvoir e Shulamith Firestone, consideram que expressões tradicionais da feminilidade, como o casamento, a família, a maternidade, os cuidados com a infância e a velhice, entre outros, são imposições culturais que devem ser expurgadas da identidade da mulher.

Ao nosso ver, entretanto, há um ponto de solução entre e acima desses dois extremos, que melhor valoriza a figura feminina nas suas características transculturais e na construção histórica de sua identidade, e esse ponto é melhor captado sob a perspectiva de uma moral de inspiração. Figuras como Maria Montessori, Anise da Silveira e Cicely Saunders, que destacamos a seguir, encontram um ponto de união flexível entre a independência e a coragem de desafiar padrões sociais no mundo da política e do trabalho, e um olhar criativo para o cuidado e a humanização das práticas profissionais de saúde e educação, que a abordagem de pesquisadores do sexo masculino não tinha captado até então.



Nise da Silveira

Maria Montessori foi uma das primeiras mulheres a formar-se em Medicina na Itália. O filme *Maria Montessori, una vita per i bambini* retrata a vida de uma pessoa ousada, que enfrentou o ambiente embrutecido de uma faculdade de medicina totalmente masculina; uma mulher inteligente, perspicaz e criativa, que enxergou em crianças consideradas “deficientes” pela sociedade da época

a realidade de meninos e meninas privados de um ambiente educativo. Montessori também quebrou as regras das convenções sociais para o amor, ao relacionar-se com seu professor, e sofreu, abandonada, quando a família dele o aconselhou a se casar com outra pessoa, o que de fato ocorreu. Apesar da dor de uma gravidez escondida, a médica e educadora não desistiu de seu projeto educacional, e, assim, transmitiu sua visão de criança e suas práticas pedagógicas para os próximas gerações, impactando o mundo todo.

Na Inglaterra, uma menina mais alta do que média de sua escola nunca se sentira adequada. Esse desconforto se tornaria mais tarde uma inspiração para a compaixão com as pessoas de alguma forma excluídas. Os pais da jovem não aprovavam seu desejo de tornar-se enfermeira, mas, quando rompe a segunda guerra mundial, ela os desafia e ingressa no curso de Enfermagem, obtendo rapidamente um certificado especial para atender os feridos pelo conflito. Em uma trajetória bastante incomum, a pioneira na área de cuidados paliativos e fundadora do primeiro hospital focado nesse tipo de atendimento, Cicely Saunders, inicialmente agnóstica, passa a acreditar em Deus através do contato com amigos cristãos e envolve-se em um amor espiritual com um de seus pacientes, um imigrante polonês e judeu. Desse relacionamento extrai a ideia que irá considerar, após a tristeza vivida pela morte de seu amigo e de seu pai, um chamado de Deus: A criação de uma instituição para pacientes terminais, em que conhecimento científico, cuidado e amor estivessem integrados.

Um cirurgião conhecido de Cicely aconselhou-a a cursar outra graduação, alegando que os médicos não dariam ouvidos a uma enfermeira. A mulher comprou a ideia, ingressando como estudante na Escola de Medicina do Hospital Saint Thomas em 1951, aos 33 anos de idade. Nada a constrangeu contra a amizade profunda que formou com outro amigo polonês, nem contra casar-se aos 61 anos, com um terceiro polonês, devoto católico de 79 anos. Cicely idealizou e planejou a construção de um novo hospital focado em cuidados paliativos, *Saint Christopher's*, iniciada em 1965. Uma ouvinte atenciosa de seus pacientes, criou o conceito de Dor Total, em que os aspectos biológico, social, psicológico e espiritual eram considerados ao se avaliar o stress da pessoa hospitalizada. Cicely Saunders e seu esposo passaram seus últimos dias em Saint Christopher, o hospital que ela fundara.

Nise da Silveira também foi a única mulher formada entre os 157 estudantes da turma de 1926 da Faculdade de Medicina da Bahia, contrariando a aspiração de sua mãe de que, como ela, a jovem se tornasse pianista. Já casada com seu colega de faculdade, a alagoana estabeleceu-se no Rio de Janeiro, trabalhando na área de psiquiatria e escrevendo artigos sobre Medicina para o jornal. Circulando nos meios críticos e de estudos marxistas, Anise foi presa pelo regime do Estado Novo, e dividiu cela com Olga Benário, judia que foi entregue pelo governo brasileiro à Gestapo de Hitler. Nos 15 meses de reclusão no presídio Frei Caneca, Anise conheceu Graciliano Ramos, que fez dela personagem de seu famoso livro “Memórias do Cárcere”.

Após sair da prisão e viver alguns anos na clandestinidade, Nise é reintegrada no serviço público de saúde, na área de psiquiatria, colocando-se totalmente contra os choques elétrico, cardiazólico e insulínico, as camisas de força, o isolamento, a psicocirurgia, entre outros instrumentos da época. Para a médica, esses métodos eram brutais e remetiam fortemente às torturas do Estado Novo aplicadas aos dissidentes políticos. Em 1946, Nise funda a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR) do Centro Psiquiátrico Pedro II, e começa a fazer diversas modificações no seu trabalho com pacientes psicóticos e, especialmente, esquizofrênicos.

Enquanto a Terapia Ocupacional praticada nos hospitais consistia em fazer os doentes limparem as salas e objetos, Nise inaugura um ateliê de pintura para os pacientes e incluiu a presença de animais nos centros de convivência. As pinturas dos internos foram expostas em congressos internacionais de psiquiatria, em museus e câmaras municipais no Brasil. A expressão artística, a relação dos pacientes com os animais e até com a própria Nise eram, segundo a médica, evidências de que os esquizofrênicos não tinham “embotamento afetivo”, como as teses da época sustentavam. Pioneira das ideias de Laing e Cooper (antipsiquiatria), Basaglia (psiquiatria democrática) e Jones (comunidade terapêutica), e precursora dos atuais hospital-dia, lares abrigados e centros de convivência, Nise considerava que o doente psíquico encontra na arte a forma de expressar seu mundo interno quando a via racional está bloqueada, e que o afeto era “uma mola propulsora em tudo”.

Desafiar regras e padrões culturais estabelecidos pode ser dramático, a prisão de Anise e a gravidez indesejada (pelo pai da criança) que viveu Maria Montessori mostram isso bem. Por outro lado, essas mulheres, abertas ao público e não somente isoladas no domicílio particular, muito contribuíram para a humanização das nossas práticas de saúde e educação. Essas mulheres não só bem utilizaram, também ampliaram o arcabouço teórico e científico que é patrimônio da nossa civilização. Podemos nos perguntar, entretanto, quanto da sensibilidade e criatividade que elas tiveram seria herdeira da longa construção feita pela nossa ancestralidade feminina da habilidade de cuidar, proteger, nutrir e educar as pessoas mais frágeis (crianças, doentes, velhos). Talvez uma Shulamith Firestone considerasse que a mulher precisa “ser libertada” da criança e dos cuidados. Maria Montessori e Cicely Saunders transformaram, sem propor ditaduras, o cuidado em uma questão de todos. Como mulheres, podemos nos perguntar se nossa perspectiva de feminismo não deve ser a de uma moralidade de inspiração: que as regras rígidas sejam rompidas; que os princípios inspiradores frutifiquem mais.

A contribuição feminina

Inspirados pelo lançamento do livro “Educação para o novo mundo” de Maria Montessori, trazemos 10 obras cinematográficas que destacam contribuições e dilemas das mulheres em nossas sociedades.

PARA QUEM GOSTA DE....

Filmes biográficos



1. O coração corajoso de Irena Sendler (2009)

Um filme delicado e doce sobre um assunto trágico, que conta a história real de Irena Sandler, uma assistente social que se mobiliza, consegue salvar cerca de 2500 crianças judias a fugirem do gueto de Varsóvia e enviá-las a famílias suecas comprometidas a abrigá-las. Irena Sandler foi indicada ao prêmio Nobel da paz.



2. Maria Montessori (2007)

Rodado originalmente como uma minissérie lançada pela TV italiana, o filme conta a história da educadora Maria Montessori, sua trajetória profissional que se entrecruza com os dramas pessoais vividos pela influente médica.



3. Marie Curie (1973) (2014)

A vida da célebre física franco-polonesa e ganhadora do Premio Nobel, Marie Curie, é retrada em duas versões: Uma produção de 1943, estadunidense, intitulada Madame Curie, indicada a 7 Oscars, e uma versão francesa de 2014, intitulada: Marie Curie: Une femme sur le front.

A estudante polonesa Marie Sklodowska se destaca na Universidade de Sorbonne, em Paris, o que leva seu tutor, o Prof. Perot, a indicá-la para trabalhar com o famoso pesquisador Pierre Curie. O professor não quer que nada atrapalhe suas pesquisas e, a princípio, não gosta de ter uma mulher em seu laboratório, mas com o tempo reconhece a capacidade e a dedicação de Marie ao trabalho, se apaixona e o casal acaba por se casar. Marie começara a investigar as propriedades radioativas presentes no minério de uranita, e suas medições a levam a deduzir que somente os elementos conhecidos não poderiam gerar o nível de radiação obtido. Assim, ela e Pierre começam o extenuante trabalho de tentar isolar o novo elemento, que Marie denomina de Rádio.

Filmes que enfocam diferentes contextos históricos-culturais:



4. A fonte das mulheres (2011)

O filme nos convida a adentrar no universo islâmico, e a imaginar um movimento feminista em uma pequena comunidade no Magreb, norte da África. Em uma região já prejudicada pela corrupção e pela ineficiência administrativa, a falta de água encanada e as tradicionais divisões sexuais do trabalho forçam as mulheres da vila a buscar água em fontes distantes, prejudicando, pelos abortos causados pelo esforço, até mesmo seu papel de procriação, enquanto resta aos homens matar o tempo jogando conversa fora. O bom humor com que as questões são abordadas e as discussões sobre a interpretação do Alcorão são o ponto alto do filme.



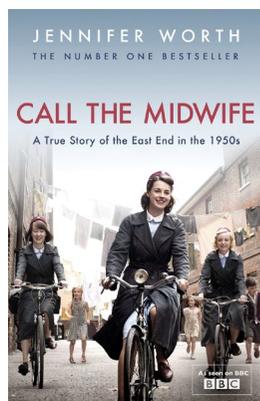
5. A boa mentira (2014)

Três homens sudaneses, órfãos da guerra, Mamere (Arnold Oceng), Jeremiah (Ger Duany) e Paul (Emmanuel Jal), têm a oportunidade de sair do país e conseguir uma vida melhor nos Estados Unidos. Eles são acolhidos por uma assistente social, Carrie Davis (Reese Witherspoon), que pouco conhece sobre o duro passado de cada um. Aos poucos, tornam-se amigos, e fazem muitas descobertas juntos: Ela, conhecendo as marcas dos refugiados de guerras civis, e eles, conhecendo o mundo moderno americano.



6. Historias cruzadas (2011)

Adaptação cinematográfica do livro The Help, lançado nos Estados Unidos em 2009. A autora declarou que escreveu o romance inspirada em sua antiga empregada negra Demetrie, seu porto seguro em uma infância repleta de separações e ausência dos pais. Questões como o racismo, as relações pessoais entre patroas e empregadas, e a decisão de assumir questões de vida são abordadas, especialmente porque Aibileen Clark (Viola Davis), a emprega da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrada a sociedade como um todo.



7. Call the midwife (2012)

Call the Midwife (Chamem a Parteira) é uma série de televisão britânica baseada nas memórias da parteira Jennifer Worth, que trabalhou no leste de Londres em 1950. A série retrata a vida de várias parteiras que atendem a população das periferias no pós-guerra, relatando os dramas e as alegrias materiais e morais, tanto da população atendida, quanto das próprias parteiras.



8. Uma prova de amor (2009)

Sara (Cameron Diaz) e Brian Fitzgerald (Jason Patric) são informados que Kate (Sofia Vassilieva), sua filha, tem leucemia e possui poucos anos de vida. O médico sugere aos pais que tentem um procedimento médico ortodoxo, gerando um filho de proveta que seja um doador compatível com Kate. Dispostos a tudo para salvar a filha, eles aceitam a proposta. Assim Anna, logo ao nascer, doa sangue de seu cordão umbilical para a irmã. Anos depois, os médicos decidem fazer um transplante de medula de Anna para Kate. Ao atingir 11 anos, Anna precisa doar um rim para a irmã.



9. A informante (2010)

Baseado em fatos reais, este filme conta a história de uma policial que é escalada para uma missão da Organização das Nações Unidas (ONU) na Bósnia. Ao chegar lá, se depara com a perigosa realidade de corrupção, encobrimento de fatos, conspiração de empresas privadas e multinacionais com diplomacias de duplo sentido, ocultando uma rede de tráfico de mulheres para fins de exploração sexual. Sua atuação começa a incomodar os poderosos que encobertam a situação, mas ela não desiste de suas investigações (Não recomendado para menores de 14 anos).



10. Renascimento do Parto (2010)

A realidade obstétrica brasileira é retratada neste documentário, que denuncia o alto número de cesáreas realizadas, na maioria das vezes, desnecessariamente. O filme ainda relata casos de mulheres vítimas de violência obstétrica, que tiveram seus direitos e desejos violados durante o procedimento.

Expediente

Associação Brasileira de Pedagogia Espírita

Coordenadora Geral: Dora Incontri

Coordenador Pedagógico: Alessandro Cesar Bigheto

Coordenador Administrativo: Maurício Zanolini

Coordenador Financeiro: Roberto Colombo

Coordenadora de Comunicação: Lili Lungarezi

Conselho Fiscal: Alexandre Mota

Amauri Ramos

Renato Andrioli

Publicação Oficial da
Associação Brasileira de Pedagogia Espírita

Equipe ABPE com a colaboração de Litza Amorim

boletim.abpe@gmail.com



B O L E T I M

www.pedagogiaespírita.org.br